

LAR CATÓWIC

- 1953 -

C I N E M A

Já houve em nosso "Lar Católico" uma sessão de cotação e crítica de filmes. Ela deve voltar. Voltou e voltará em cada semana, se Deus quiser. O problema que nos fez demorar tanto com esta sessão, de suma importância, não ficou de todo resolvido. O "Lar" não é semanário local. Ele corre todo o Brasil. A quais filmes deveríamos referir-nos então? Por hoje tomamos uma consideração geral e alguns dados sobre "Sinhá Moça". Demais ser-nos-ão gratíssimas tôdas as sugestões dos nossos leitores angustiados também com o grande problema de nossos cinemas.

Aprenda a penetrar na significação de um filme

Cinema, Espetáculo passivo? — E' comum ouvir-se a acusação contra o cinema de que é um espetáculo passivo, não exige nenhum esforço cerebral do espectador, sendo por isso responsável pelo enfraquecimento, na juventude, das faculdades inteletivas, de raciocínio, de análise ou síntese. As crianças na escola — dizem êsses acusadores — perderam o gosto pelo trabalho árduo e formativo, pois estão viciadas pelo cinema, na tendência de ver, comodamente espreguiçadas numa poltrona macia, os assuntos já mastigados e cuja assimilação não exige nenhum trabalho pessoal. — E' claro que tal juízo é superficial, precipitado e inteiramente parcial. Pois tanto há filmes cujo único intuito é divertir, e cuja leveza de enredo e conteúdo exigem um mínimo de capacidade interpretativa e de análise, como também existem, às centenas e milhares, pessoas de cérebro preguiçoso, profundamente alérgicas à reflexão mais aprofundada sobre a significação de um filme. Existem de outro lado, películas que fazem pensar e são fonte inesgotável de reflexões, no que se refere à tese sustentada, aos métodos e detalhes empregados para defendê-la, ao clima psicológico inerente ao desencadear das cenas e atitudes dos intérpretes, e por fim aos recursos artísticos aptos a provocar emoções duráveis e profundas.

Pode-se esquecer um filme? — Incidem em erro aquêles que julgam poder esquecer completamente um filme, porque assistem despreocupadamente a um espetáculo, sem correspondente empenho de examiná-lo, de joeirar os elementos apresentados. — Os espectadores comodistas e preguiçosos são os mais acessíveis às más influências do cinema. Quando julgam que não se preocupam com o que viram, esquecendo tudo, na verdade estão impregnados, tomados de idéias, atitudes e modos de vida presenciados no cinema. Vão assimilando, sem o saber, uma verdadeira enxurrada de concepções e conceitos contraditórios, que irão influenciar sua vida. — Isso acontece, em grande escala, especialmente com crianças, desprovidas que são da faculdade de pensar, refletir e selecionar as iguarias para seu espírito.

Necessária a cultura cinematográfica. — Urge, pois, uma campanha, no sentido de obrigar o povo a refletir, a distinguir o bom do inconveniente para abraçar aquêles e rejeitar a êste. Só então é que o cinema fará bem. O mau cinema será de modo particular prejudicial aos espectadores indolentes, de espírito passivo e dócil a tôda e qualquer influência. O mal muitas vezes vem envolto em roupagem brilhante, aureolado de simpatia: é preciso agudeza de espírito para desmascará-lo e rejeitá-lo, para que não prejudique. A imunização contra o influxo pernicioso do cinema não se consegue mediante uma atitude vandálica que condena tôda e qualquer película que não seja côr de rosa, e nem a atitude não menos falha que vê tudo com tranquilidade, despreocupação e suposta indiferença, deixando-se levar no conto do pacote. No cinema, os pacas são os que, sem mais nem menos, aceitam os cigarros entorpecentes de filmes enganosos, onde a maldade e a imoralidade se acham envolvidas numa aura de simpatia. — E' necessário adquirir o costume de pensar, de refletir. Só assim o cinema defeituoso não fará tanto mal, e o bom cinema alcançará resultados benéficos mais profundos.

H. D.

"Sinhá Moça", um momento da campanha abolicionista

O terceiro lançamento da Vera Cruz, em princípios do ano de 1953, foi "Sinhá Moça", um filme de época, retratando um momento da campanha abolicionista no Brasil, Eliane Lage a rainha do Cinema Nacional, e Anselmo Duarte — o inesquecível galã de algumas das melhores produções nacionais — aparecem juntos em "Sinhá Moça", secundados por Ruth de Souza, premiada por sua atuação em "Terra é sempre terra"; José Policena, uma revelação de ator; Marina Freire, do Teatro Brasileiro de Comédia; Ricardo Campos, um dos melhores coadjuvantes da Vera Cruz e mais um grande quadro de intérpretes como Eugênio Kusmet, Lima Neto, Ester Guimarães, Labiby Madl, Vicente Leporace e centenas de figurantes.

A EQUIPE DE "SINHÁ MOÇA"

Tom Payne, que dirigiu para a Vera Cruz "Terra é sempre Terra" e "Angela", é o diretor de "Sinhá Moça" e Oswaldo Sampaio, diretor associado, que já emprestou sua colaboração, como argumentista e assistente, a diversos filmes da grande companhia paulista, Ray Sturges, o famoso operador de "Hamlet", é o diretor de fotografia de "Sinhá Moça", uma película que está se impondo como um dos filmes de maior beleza plástica já rodados no Brasil. Edgar Batista Pereira, vice-presidente da Vera Cruz, é o produtor e Henrique Zepellin o gerente de produção. João Maria dos Santos criou a cenografia.

A HISTÓRIA

O argumento de "Sinhá Moça" foi extraído do livro do mesmo nome, de autoria de Maria Dezone Pacheco Fernandes. O roteiro cinematográfico foi feito por Fabio Carpi, com diálogos de Guilherme de Almeida e Carlos Vergueiro, tendo ainda colaborado no roteiro cinematográfico Maria Dezone Pacheco Fernandes, Edgar Batista Pereira, Tom Payne e Oswaldo Sampaio.

A história de "Sinhá Moça" retrata os dias agitados que precederam a abolição da escravatura no Brasil. Sinhá Moça (Eliane Lage) chega a Araruna, sua cidade natal, no mesmo dia que Rodolfo (Anselmo Duarte), jovem advogado. Sinhá Moça revela-se uma adepta do abolicionismo e intervém de tôdas as formas junto ao cel. Ferreira (José Policena), seu pai, ora pedindo indulto para os escravos evadidos, era estimulando a campanha subterrânea dos abolicionistas da vila. E Rodolfo é tomado por todos como sendo um escravocrata.

A vida na senzala, o trabalho do elto, as cenas de açoitamento e caça aos escravos fujões, o rigorismo dos capitães de mato e depois a fuga de uma senzala inteira de escravos, marcam alguns lances de intensa dramaticidade no desenrolar da história de "Sinhá Moça".

Mas, os escravos que fogem varando a mata virgem, são aprisionados e seus chefes vão a julgamento. E' então que Rodolfo (Anselmo Duarte) revela-se ardoroso abolicionista, funcionando como defensor dos evadidos. O filme termina no momento em que Rodolfo faz a defesa dos réus, no dia em que, enquanto êle apregoava a liberdade para os escravos, mensageiros da côrte traziam o decreto imperial da Abolição.

A CENOGRAFIA

Para a filmagem de "Sinhá Moça", Tom Payne, Oswaldo Sampaio, os diretores e João Maria dos Santos, o cenógrafo, procederam a rigorosa documentação histórica. João Maria dos Santos desenhou ambientes coloniais, uma casa grande, uma senzala inteira, enquanto que Sofia Magno de Carvalho criou o guarda-roupa de época. Foi construída uma ferrovia e uma composição inteira de "trem de ferro", enquanto que a cidade de Santa Rita do Passa Quatro, existente no estúdio, foi completamente remodelada e transformada, para surgir em seu lugar Araruna, uma vila do século passado, com sua praça, igreja, ruas e casas.

Cotação: Com restrição para menores.

Um telegrama misterioso

Malba Tahan

Um atentado contra o Vice Rei da Índia, ou um assalto de fanáticos contra o quartel não teria causado maior surpresa ao coronel Charles Luse. Aquêles telegrama de seus sobrinhos, enviado de Londres, com nota de urgência, deixara-o verdadeiramente assombrado.

O ilustre militar leu e releu várias vezes o misterioso despacho:

— CORONEL LUSE — LAHORE —
II S. J.; 12-13. S. P. 16: 7. JORGE E FLAVIO."

Não havia dúvida. Alguma notícia sensacional, referente a assunto gravíssimo, era

enviada em código secreto. Como traduzir a mensagem? O coronel pediu o auxílio de seus colegas de regimento. Nada conseguiu. Apelou, afinal para um charadista famoso chamado Mac Munn.

O charadista analisou o telegrama, consultou vários livros e declarou finalmente:

— Os jovens Flávio e Jorge, de Londres, mandam dizer ao seu tio coronel Luse, em Lahore, o seguinte:

Muitas coisas temos que escrever-vos, porém não queremos fazê-lo com papel e tinta; mas esperamos ir ter convosco e falar de boca a boca, para que a nossa satisfação seja cumprida. Porque não vos queremos agora ver de passagem mas esperamos ficar convosco algum tempo, se o Sen-

hor o permitir. Saudam-te os filhos de tua irmã querida".

— Esse homem é um mistificador! — bradou, exaltado, o coronel. E' impossível que alguém possa traduzir tanta coisa das poucas letras e números do telegrama!

Com imperturbável serenidade, o velho Mac Munn tomou de um exemplar da Bíblia, e mostrou que o telegrama misterioso citava apenas três versículos do livro de Deus. "S. J." significava "São João"; "S. P." queria dizer "São Paulo", os números indicavam os versículos correspondentes. O charadista limitara-se, portanto, a ler a Bíblia nos trechos apontados.

Pela primeira vez, o Livro Santo serviu de código telegráfico, para que os dois jovens pudessem poupar não pequena quantia.

C I N E M A

"AS NEVES DO KILIMANDJARO"

Baseia-se no conto "The snows of Killimandjaro" de Ernest Hemingway. Como de costume o resultado não corresponde inteiramente à expectativa. De fato a película não convence como um todo, em que não se nota uma direção. Falta também maior sinceridade na dramaticidade de certas cenas. Por outro lado, não se justifica de modo algum um "happy end" em desacôrdo com o original e com o desenvolvimento do filme. Isto porém, não significa que "As neves do Kilimandjaro", seja um filme fraco. Ainda que não alcance um plano mais elevado, o filme é valorizado por alguns aspectos. O comentário musical de Bernard Hermann é de fato muito bom realçando bem a atmosfera. A fotografia de Leon Shamroy adaptando-se, perfeitamente, ao technicolor, é outro ponto alto da película. E certos momentos, como o dos hipopótamos no rio, são muito bem apanhados. A interpretação fica num nível regular, salientando-se muito inesperadamente, Ava Gardner. Gregory Peck não se eleva acima do normal e Susan Hayward tem poucas oportunidades.

A história tem com o tema um enigma do pico mais elevado do continente negro, no cume do qual havia a carcassa congelada de um leopardo, narra a frustração e o fracasso de um famoso escritor. Vítima de uma gangrena e às portas da morte, acha-se ao pé do Kilimandjaro. Seus pensamentos dirigem-se então para inúmeros momentos de sua existência. Vemos então como Harry Stret (o escritor) ganhou a glória e a fortuna, experimentou todos os prazeres e conheceu o mundo. Apesar disso, ou por isso mesmo, a sua vida era vazia, seu talento era desperdiçado e seus ideais eram abandonados; a fama, o dinheiro e os prazeres só aumentavam a sua angústia e ele sentia cada vez maior a sua frustração. Principalmente por meio de diálogos ríspidos e cínicos o filme mostra esta situação de fato, que é bem o retrato de uma civilização frustrada e angustiada, como a atual em que vivemos. O filme, ou melhor, Hemingway, que aliás parece ser um fruto dessa civilização, não teve ou não quis ter o mérito de indicar uma solução para este caos. E isto seria tão simples. Bastaria lembrar ao homem que fôra feito à imagem e à semelhança de Deus, e tirar disto as conclusões lógicas. Assim o homem voltaria a ter paz de espírito e tranquilidade interior. E então estaria resolvido o enigma do leopardo. Esta foi a grande lacuna da película. Isto é mais a vida descrente e dissoluta do protagonista com uniões ilícitas e outros desregramentos e alguns diálogos maliciosos, além de alusão a um abôrto provocado são os sérios inconvenientes morais do filme. Por eles vemos que "As neves do Kilimandjaro" pode ser bastante prejudicial para um público menos prevenido, que já vive em grande confusão mental. Um público criterioso saberá orientar-se nas diversas situações.

Tolerável para adultos.

(Jornal do Dia)



Gregory Peck junto de Ann Blyth em "O mundo em seus braços".

O Mundo em seus braços — (The world in his arms) — Universal — com Gregory Peck e Ann Blyth.

Com um fundo histórico — o episódio da aquisição do Alaska pelos EE. UU. — o filme escorre entre romances, lutas, audácias, muito espírito aventureiro, muito riso. Se bem que cinematográfica-

mente bem feito, uma evidente intenção de propaganda política (relações entre Rússia e EE. UU.), desagradará aos espectadores mais exigentes. Um espetáculo para os olhos, que faz esquecer os aborrecimentos cá de fora. O gênero comporta violências, e situações que desaconselham o filme para crianças. (A Família).

A Sedução comercial do Nu

O prestígio da nudez feminina ganha terreno todos os dias. Abram-se os jornais e as revistas, e logo nos saltam à vista os "clichês" de corpos que se apresentam com a redução mínima de "maillots" e "biquínes". Daqui a pouco, isso que bem se pode denominar a última fôlha de uva da moda ultra moderna desaparecerá também, e então não haverá mais escrúpulos em se exibirem fotografias de corpos inteiramente despídos. Acontecerá sim, se as forças morais de nossa gente não tomarem atitude firme, no combate ao licencioso. Porque, com o excesso de nudez estampada, se vai indo aos desatinos da imoralidade. Isso não é mais exclusivismo de órgãos de imprensa, invadiu, o que é muito pior, o setor da publicidade comercial. Para se atrair atenção a qualquer produto, é preciso colocar na tabuleta ou no cartaz o desenho da mulher sem roupas. Explora-se destarte, o sexualismo que não basta desbordar pelas fôlhas diárias e periódicas e pelos reclames teatrais e cinematográficos. E' preciso trazê-lo mais ao fragante, por meio de tudo quanto convida o público a apreciar a figura que tenta. Em suma, a nudez endossa ou avaliza o produto anunciado. Com isso, deitam-se por terra as resistências finais do pudor e da própria dignidade. E os homens da lei e os que governam não pressentem o mal a sobrevir com o absurdo exagero...

92 milhões de crentes nos Estados Unidos

Os católicos romanos formam o grupo mais numeroso de tôdas as confissões norte-americanas. — Mesmo assim os USA. ainda são protestantes.

Nova Iorque, (NC) — Contra a noção muito difundida, que há muito numerosos pagãos nos Estados Unidos, o "Diretório Anual das Igrejas Americanas de 1953", assinala um total de 92 milhões de crentes numa população de 160 milhões.

Ao apontar a estatística de 1952, o Diretório informou que as adesões às diversas confissões religiosas no ano passado somaram 3.604. 124 indivíduos ou seja 4,1 por cento da população. O aumento obtido durante o último ano foi duas vezes maior que o logrado em cada um dos anos anteriores, afirma a publicação protestante.

Os católicos romanos formam o grupo mais numeroso de tôdas as confissões norte-americanas. Em 1952 as estatísticas revelaram que a Igreja Católica tinha 30.523.427 membros, com um aumento de 3% sôbre o total anterior.

O crescimento das igrejas protestantes alcançou 3,9%, com um total de 54.299.963 membros de tôdas as denominações protestantes.

As congregações judaicas permanecem nos cinco milhões. Seguem os ortodoxos orientais com 2.353.783 afiliados, cismáticos poloneses 366.956, e budistas 73.000.

O diretório calcula que os católicos constituem 19,3% da população total do país e que os protestantes combinados alcançam 34,7%.

Para o local do desastre seguiu o rapaz...

Na cidade de Itabirito, Estado de Minas Gerais, no dia do comércio, uma turma de rapazes se aprestava entusiasticamente para comemorar sua data máxima. Ao elaborarem o programa, incluíram em primeiro lugar, a Missa que seria celebrada em intenção dos comerciantes e em último lugar, se bem que em convite à parte, um arrojado baile nos salões de um dos clubes da cidade. Acontece, porém, que o Vigário, ao saber que ia a festa acabar com baile, obedeceu às instruções de seu superior hierárquico, no sentido de não consentir na celebração do Santo Sacrifício quando qualquer solenidade profana termine com baile.

Um dos rapazes teria dito, arrogantemente: — Não faz mal, o Padre não celebra a missa, mas a gente dança de qualquer jeito.

Pois bem, à véspera da realização da festa, o pai do tal rapaz, em viagem sofreu mortal acidente de automóvel, ficando desfeita toda a programação da festa. O rapaz e seus amigos, ao invés de se prepararem para o baile, seguiram para o local do desastre e de lá para o velório de seu pai. Com Deus não se brinca!

(Correspondente)

ATENÇÃO! ATENÇÃO!

Dentro de 1 mês correrá a grande tómbola sempre anunciada no "LAR". Apressem o pagamento porque sem ele não valerá o bilhete! Quem quiser adquirir bilhetes envie logo o dinheiro pelo correio, indicando ao lado do REMETENTE a finalidade do dinheiro.

Aproveite o tempo e a última ocasião. Escreve para Redação do "Lar Católico" — C. Postal, 73 Juiz de Fora, Minas

CINEMA

O DIREITO DE NASCER

Baseado na famigerada novela radiofônica "O Direito de Nascer", de Felix Cagnet que, segundo a propaganda, já fez chorar tôda a América Latina, o filme não podia deixar de ser o que é: uma novela radiofônica cinematografada, isto é, a visualização das mesmas cenas teatrais e dos mesmos caracteres do gênero, que os atores do rádio exageram para comover até às lágrimas o auditório invisível.

A representação é também bastante teatral, com um derrame copioso de lágrimas, diálogos artificiais e golpes de cena próprios para abalar a sensibilidade dos espectadores.

Mas o filme, pelo menos não cai em certos exageros de mau gosto tão encontrados nos dramalhões mexicanos que abordam temas sociais. Nem descamba para a imoralidade. Moralmente, mantém-se numa linha elevada. Logo no começo, pela boca do personagem principal, o amor pecaminoso é apontado como pecaminoso mesmo e não mera "cegueira de amor" e o crime conseqüente, de sufocar uma vida em holocausto e preconceitos sociais, fustigado como crime mesmo e não um meio hábil de evitar escândalos. Certa exaltação extremada na maternidade é que poderá levar a pensar erradamente a respeito do desejo de ser mãe.

Os sentimentos cristãos de fé em Deus, de renúncia, de lealdade, de franqueza, de perdão das injúrias são realçados e exaltados através da ação de alguns personagens, em contraste com o egoísmo e a dureza d'alma de outros. Se o tema principal do filme é o pecado, o desenrolar da ação mostra-lhe as conseqüências calamitosas e o arrependimento dos que pecaram é o reconhecimento do valor da virtude. E a conclusão a tirar é que a misericórdia e a justiça divina liisonjeram muitas vezes os erros dos homens. O tema, sem o melodramatismo por vèzes piegas, daria um filme sóbrio e intenso. Mas o grande público vai saborear deliciando os momentos de grande emoção que a novela já lhe proporcionou e que agora o cinema vai servir-lhe com a fôrça impressionante da imagem, dando rosto e corpo às figuras até agora apenas imaginadas.

Cotação moral: Aceitável, menos para menores de 18 ("O Diário")



O famoso astro Gary Cooper, principal intérprete de os "Tambores Distantes", em visita ao Papa Pio XII, acompanhado de esposa e filha.

TAMBORES DISTANTES

Warner com Gary Cooper.

Episódio da guerra civil norte-americana (1840), quando um grupo de soldados confederados se vê obrigados a guerrear os ferozes Seminoles e a defender-se dos ataques dos índios e animais da região. Os incidentes da difícil

caminhada são inúmeros e bastantes realísticos, mas os personagens estão mal fixados. O "script" irregular tenta às vezes uma nota ligeira, que de maneira alguma condiz com o todo.

Um final e já esperado traz alívio ao espectador e aos sofridos membros da caravana.

Para todos, com restrição para público infantil.

1 AUTOMÓVEL "CADILLAC", novo — modelo "Coupé de Ville" — 1953 — côr azul-claro — motor de 8 cilindros...

1 LOTE EM JUIZ DE FORA medindo 12 x 30.

1 GELADEIRA "FRIGIDAIRE" de 7½ pés.

1 ELETROLA AUTOMÁTICA para 10 discos, "longplaying".

1 ENCERADEIRA modelo 53.

Eis os grandes prêmios da tómbola dêste Natal.

Um grande presente da Associação de Ex-Alunos da Academia de Comércio a seus amigos!

Cada bilhete Cr\$ 100,00

Mande pelo correio á

SECRETARIA DA ACADEMIA DE COMÉRCIO

Caixa Postal, 160

Juiz de Fora, Minas

ATENÇÃO!

AGUARDEM! - Um formidável FOLHETIM a ser publicado no "Lar Católico"!

CINEMA

Conclusões dúbias e imprecisas

Brinquedo de esconder?

Muitas vezes, depois de assistir um filme, e depois de ouvir comentários, veio-me o pensamento de que numerosos filmes se parecem com jogo de esconder. De esconder o verdadeiro sentido do argumento, de ocultar as lições a serem extraídas do espetáculo. Pois as opiniões são, não raro, tão diversas, que julgamos não se tratar de ignorância do espectador. Tipos criminosos e violentos, ou mulheres fatais e perversas que se desviaram do bom caminho são frequentemente apresentados, não permanecendo claro, no final da história, se o crime é reprovável ou se o desregramento moral é justificável ou não, se foi suficientemente castigado ou reparado. Outras vezes se explora uma verdade ou acontecimento religioso, mas completamente deturpados, desrespeitando-se a sua seriedade e genuína realidade.

Agradar a todos

Esse é o fato constatado. Qual a sua explicação? É fácil de se encontrar. Grandes vultos da indústria cinematográfica declararam abertamente que o cinema é, básica e primordialmente, indústria e comércio. Portanto, antes de tudo, o lucro; as exigências sociais, morais, os objetivos alevantados de ordem artística e moral, deverão adaptar-se à primeira condição: êxito financeiro. Nessas condições é fácil compreender que o produtor, em primeiro lugar, deve conseguir, a todo o custo, agradar a todos, gregos e troianos. Daí a abstenção de teses limitadas, que restrinjam a platéia e portanto o lucro. Daí o empenho por evitar as conclusões precisas, que poderiam desagradar este ou aquele grupo e diminuir os lucros.

Posição bem definida

O cineasta que deseje merecer o nome de benfeitor do povo e não de explorar duma arte para enriquecimento próprio, precisa definir-se melhor. O povo precisa de lições intuitivas e claras. Propor um argumento com lições morais que ninguém entende, confundir o vício com a virtude, deturpar verdades, é gerar maior confusão e desorientação já reinantes em grande escala. Um exemplo recente: o filme é um libelo contra a burguesia. Mas essa informação parece-me com aquela que o primeiroanista de ginásio teve de escrever ao pé de um desenho de sua autoria, a fim de poder ser entendido: "Isto é um cavalo". O filme citado, tanto é libelo contra a burguesia como contra a classe operária o (descontentamento perpétuo de Santini). E que atitude mais dúbia a do padre! E o desfecho final? Se o milionário Bachi desistiu de praticar a boa ação e por esse motivo foi salvo, qual a significação? De que a salvação é obra do acaso? E se Bacchi aparece transformado e arrependido após a entrevista com o anjo, por que a sua arrogância petulante (e não um justo temor) às portas do céu? E se aparece às vezes a intenção de ridicularizar verdades eternas, por que não o fazer abertamente?

Este é um exemplo entre centenas. Se o cinema quiser colaborar na orientação prática dos povos e não na confusão sempre maior, deve tomar atitudes mais definidas, dar lições mais intuitivas e mais fáceis de assimilar, e não toque nas coisas sagradas se não souber dar-lhes um tratamento adequado.

H. D.



Bárbara Stanwyck sempre foi uma das grandes atrizes da terra do cinema: Hollywood. Agora surge em outro papel magnífico, no impressionante filme "Vida contra Vida".

...

Vida contra Vida

Em meio a produções de absoluta pobreza, eis que este filme nos surpreende agradavelmente. Embora comece de maneira irritante, com um narrador cretino, passa a adquirir densidade e transforma-se em drama de suspense, bom suspense aliás. Curioso é que tem praticamente apenas 4 personagens, já que os episódios são por demais insignificantes.

Bárbara Stanwyck, embora já sem viço nenhum de mocidade, é a grande atriz que sempre admiramos. Barry Sullivan e Ralph Meeker estão muitos bons, o segundo melhor do que o primeiro, no criminoso foragido da prisão, cínico e aparentemente sem nenhuma nobreza. Já garoto Lee está aquém do que precisa o papel. Não tem aquela candura e simplicidade que se poderiam esperar, aliás tão fáceis de encontrar em outros garotos do cinema.

Nada podemos dizer do enredo, pois sendo um "trailer", qualquer alusão poderia tirar ao espectador o prazer da surpresa. Mas podem crer que interessa, emociona, obriga-nos a participar da ansiedade do drama dos personagens.

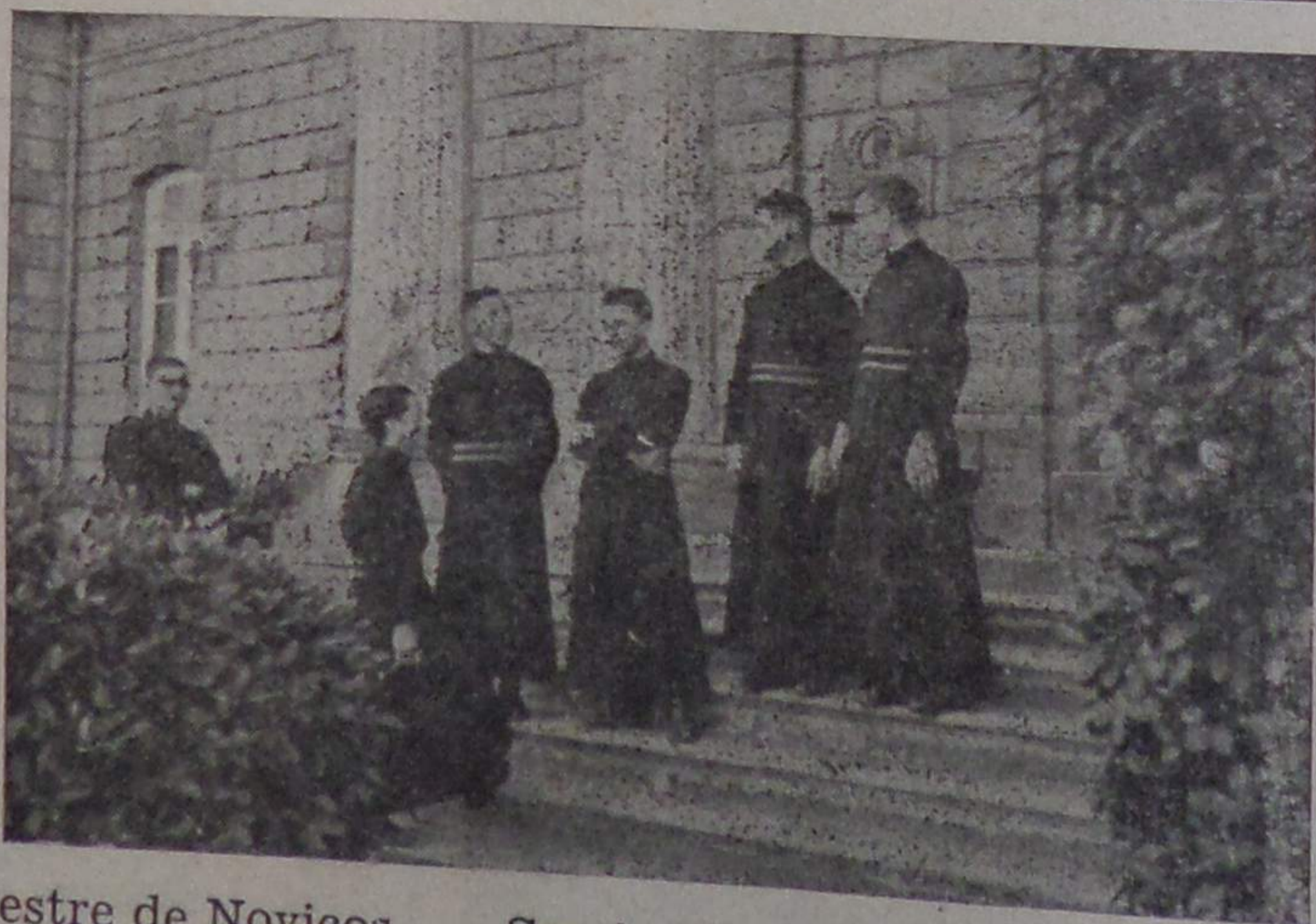
Cotação moral: Para adultos.

"Vida contra vida" (Jeopardy) — Metro Goldwyn Mayer — Direção John Sturges — Bárbara Stanwyck, Barry Sullivan, Ralph Meeker e Lee Aaker.

(O Diário)

Irmãos Missionários

Moços ou meninos de 12 a 30 anos que aspiram a uma vida mais perfeita, inteiramente consagrada ao serviço de Deus, longe do bulício do mundo, ainda que não se sintam inclinados para o estado sacerdotal, peça informações sobre os



Irmãos Missionários

com o Revmo. Pe. Mestre de Noviços — Seminário do Espírito Santo — Santo Amaro — São Paulo (Capital) ou Lar Catóilco — Caixa Postal, 73 — Juiz de Fora — Minas

Bibliografia

Charlotte Bronte — Joana Eyre. III edição.

Quando, em 1916, apareceu em edição este romance de Charlotte Bronte — Joana Eyre — foi ele no excelente livro "Através dos romances" classificado de restrito, isto é "não para todos".

O fato que o mesmo romance sai agora em 3ª edição e publicação pela Editora Vozes já é por si uma recomendação da obra, ficando aliás de pé a advertência de "Através dos romances". Não é realmente leitura para todos. Só a pessoa de espírito formado, conhecedor da vida em tôdas as faces ordinárias e extraordinárias, pode o livro ser oferecido. Servem muito de orientação as advertências do tradutor que declara: 1. que os dez mandamentos da lei de Deus ficam de pé na tendência total do romance; 2. com muita clareza e insistência nele é inculcada a doutrina de unidade do matrimônio; 3. que cortou desapiedadamente tudo quanto pudesse impedir a carreira dos eventos para o desenlace final. — Assim o romance poderá continuar a produzir seus benéficos frutos de gozo literário e instrução moral.

Pe. João B. Lehmann, S. V. D.

O CANGACEIRO

"O Cangaceiro" é o filme que provocou a maior "onda" jamais surgida em nosso cinema. Seu realizador, Lima Barreto, o "cabotino" segundo suas próprias palavras, conseguiu, graças à propaganda e às mirabolantes entrevistas atrair sobre si a atenção do povo brasileiro, fazendo-o esquecer temporariamente o nome do grande cineasta Alberto Cavalcanti. Teve ainda a seu favor o pretense Orson Welles paulista, dois prêmios conseguidos no festival de Cannes. Não resta dúvida que o filme ocupa um lugar destacado em nossa incipiente e vacilante cinematografia, mas não merece o vultoso número de elogios que a crônica lhe dedicou. Todavia, veio dilatar os horizontes do nosso cinema, porque será exibido ao mundo e também porque, além de mostrar que há lugar para obras mais sérias, mais honestas e de padrão artístico muito superior ao atual, provocará grande número de filmes com assuntos regionais.

Será, enfim, um estímulo para os "de Milles auriverdes" tão inertes e indiferentes à sorte do nosso cinema.

Há mais de um ano, dissera eu a um amigo que temia pela sorte de Lima Barreto, quando ele penetrava nos domínios comerciais do cinema. Isto foi parcialmente confirmado, pois, se ele aceitou com seus documentários de curta metragem, "Painel" e "Santuário" não conseguiu repetir o feito com o "Cangaceiro". É fato que ele revelou conhecimentos básicos, essenciais para fazer cinema, mas também demonstrou sua experiência, deixando o filme falho em pequenos detalhes que tiraram todo o realismo que ele quis obter, utilizando o aspecto documental. Outro erro, foi tornar o filme sem ritmo constante pois várias vezes quebrou a unidade da narrativa para mostrar a ação que decorria em outro local, isto quase sempre em momentos inoportunos. A primeira parte do filme ainda convenceu pois focalizou apenas os cangaceiros. Mas a segunda tornou-se tripartida (1.ª parte: os cangaceiros; 2.ª a figura de Teodoro e Olívia; 3.ª a malícia) demonstrou o descontrôle do diretor com seus cortes inoportunos e suas tentativas de obter com exagerados movimentos da câmara melhores efeitos para um argumento frágil. E sua ambição foi o terceiro grande erro, pois ele quis fazer uma obra à Einstein quando o mais aconselhável seria conduzi-la da maneira mais simples possível, procurando sanar a falta de material humano e as falhas do argumento.

Segundo minha opinião, o filme poderia ser mais conciso. A invasão da cidade pelos cangaceiros poderia ser notável se não fosse tão minuciosa. A fuga de Teodoro e Olívia, menos detalhada e com menores interesses comerciais, com algum esforço poderia passar de ridícula a aceitável. Os tipos humanos, se em menor quantidade e maior profundidade, tornar-se-iam interessantes. Muita coisa poderá ser eliminada, como a morte do chefe da milícia (o próprio Lima Barreto como intérprete), longa, monótona e estrellista, sem nenhum motivo humano e digna de "farwest" de segunda categoria, ou a aparição daquela maratona do acampamento (Neusa Veras, atriz aproveitável), sem a menor função dentro da narrativa. O número excessivo de close-ups (principalmente dos "astros" Alberto Ruschel e Marisa Prado) poderia ser reduzido



Uma das melhores cenas de "O CANGACEIRO"
Vêm-se Milton Ribeiro no impressionante papel
de Capitão Galdino e Alberto Ruschel
no papel de Teodoro.

com grande benefício, pois os intérpretes, em sua maioria, não primam pela fidelidade à arte de bem representar.

Além dos defeitos, há também boas qualidades. Dentre elas a mais destacada é a partitura musical de Gabriel Miglioni, funcional e bela. Também a fotografia de Chick Fowle é excelente. O ambiente em que se desenvolve a história é aceitável, embora muitas pessoas afirmem que seja raros os acidentes geográficos no nordeste, onde se desenvolveu o cangaço. Momentos de bom cinema também são encontrados. O grande achado do filme foi a morte do cangaceiro que se fazia acompanhar por um papagaio: um tiro de mosquetão, logo após o alvo atrás de uma árvore de onde veio o ruído de uma queda; e a ave voando, dando perfeitamente a entender quem havia sido a vítima. A caçada da onça (mais estereotipada que certas atrizes de Hollywood) também foi feita com acerto, causando suspense. A corrida do traidor (Ricardo Campos) sugere violência, conforme Lima Barreto quis fazer, embora esteja muito aquém do que já foi feito no cinema americano neste ramo (para mim, Henry King, em "O Matador", atingiu ápice da violência no cinema com o chute dado pelo sheriff no assassinio de Ringo Kid).

Também as interpretações de Milton Ribeiro e Vanja Orico, além de aparições ligeiras de alguns bons atores, são dignas de menção. Milton Ribeiro, o Capitão Galdino, embora pouco versátil e de uma sobriedade digna dos atores ingleses, compôs bem a figura do chefe dos cangaceiros, tornando-se um dos atores mais promissores do nosso cinema. Vanja Orico (Maria Cláudia) teve contra si a pouca importância que sua personagem exerce no filme. É, porém,

uma atriz de recursos imensos. Não é dotada de grande beleza mas é fotogênica e capaz de expressar com incrível facilidade as mais variadas tonalidades dramáticas. Apresenta uma inteligência rara e se fôr aproveitada, poderá ser brevemente uma grande atriz. Sua aparição foi rápida, porém roubou tôdas as cenas em que tomou parte direta. Em várias outras, apenas figura, sem interpretar. É a maior revelação do cinema nacional dentre tôdas as que vi e acredito que seja também uma das melhores estrélas que nosso cinema jamais apresentou. Quanto aos intérpretes principais, pouco fizeram de aceitável. Alberto Ruschel e Marisa Prado formam uma dupla fraca. Segundo Lima Barreto afirmou há pouco tempo, Marisa Prado foi-lhe impingida pela Vera Cruz. E Alberto Ruschel também deve ter sido escolhido porque também já tem público.

Embora decepcionado pela irregularidade do diretor e pela fragilidade do argumento, "O Cangaceiro" iniciou uma nova fase do cinema nacional e o esforço de Lima Barreto não foi em vão.

(Mário Lanza — de "O Diário")

Cotação: Com objeção a menores.

PARA DORMIR

Num cinema de Berlim, há uma fileira de 50 poltronas cujo encosto pode, a pedido do ocupante, inclinar-se 45 por cento. Assim, durante a projeção de maus filmes, o cliente pode dormir confortavelmente e sossegadamente.

CINEMA

Um bom filme

— Mas afinal, como vou saber que um filme é bom? Acho por exemplo, quando a história é boa...

Nada disso! Um filme é assunto muito mais complexo do que se pensa. E' composto de uma série de elementos que, se forem de boa qualidade, darão um filme de boa qualidade, e vice-versa. Esses elementos são de duas ordens:

Estética (artística) — E' aquela que faz de um filme uma obra de arte. Dessa ordem fazem parte principalmente, a direção, a fotografia, o cenário (script) e a interpretação.

Ética (moral) — Sendo o filme uma obra de arte feita por seres humanos e destinada a seres humanos, não pode desrespeitar as leis morais, pelo fato de todos os homens estarem sujeitos a essas leis. Nenhuma obra de arte tem o direito de desviar o homem de sua finalidade própria, que é a procura do bem.

(De "Família")

O grande Caruso

Você pode chegar ao cinema, fechar os olhos, e ainda assim "assistir" a todo o filme, pois este "O grande Caruso" não passa de uma série de trechos líricos, interpretados por Mário Lanza, com algumas "partenaires" famosas e de boa voz.

Se você abrir os olhos verá um colorido razoável e verá montagens de óperas belíssimas. E será isto cinema? De "cinema" este filme não tem nada, se bem que tenha "divertimento" agradável, sendo um "show" que se pode ver sem enfado, principalmente para amantes de óperas.

A vida de Caruso é muito pobre de conteúdo dramático, ou trágico, ou emocional. Ele foi por demais feliz, teve sucessos em demasia, não lutou muito. Consequentemente, sua história tem pouco interesse.

Intérpretes? Mário Lanza canta apenas bem. Está longe de ser aquele Caruso lendário, em cujos velhos discos se descobre ainda hoje uma voz excepcional. Ann Blyth é a mais sofisticada das estrelinhas de Hollywood.

Este cronista se confessa um pouco suspeito para falar sobre o filme em tela porque não gosta muito de óperas, não gosta de colorido em cinema e não gosta deste gênero de fitas. Mas não tem dúvida em vaticinar muito sucesso de bilheteria.

Cotação moral: Aceitável.

"O Grande Caruso" — M. G. M., com Mário Lanza, Ann Blyth, Dorothy Kistar, Jarmila Novotna e Blanche Thebom. Dirigido por Richard Thorpe.

(O Diário)

PARA O LOCAL DO DESASTRE SEGUIU O RAPAZ...

Sob este título inserimos em nosso Semanário, n. de 22 do mês passado, uma notícia clamorosa de Itabirito. Chega-nos às mãos um protesto do Sr. Celso Matos da Silva afirmando não passar de "calunioso comentário" a notícia do "suposto" castigo do rapaz.

Mesmo que o nome do querelando traga firma reconhecida, nem ele nem o correspondente trouxeram provas positivas do fato. E se nós publicamos a notícia (sem provas) seguimos o célebre princípio em direito: "Na dúvida julga-se pelo que acontece mais comumente". Ora que rapazes prefiram balle à missa, e procedam tal qual o comunicado, é tão corriqueiro (bem que deplorável) como a queda de uma pedra. E' desse princípio que os jornais sérios se servem não poucas vezes.

Folga-nos imensamente de saber que os rapazes de Itabirito fugiram, nesse caso, à regra e agradecemos cordialmente ao Sr. Celso Matos da Silva de nos dar oportunidade de apontar a verdade. Outrossim levamos às pessoas enlutadas o nosso pesar e a nossa simpatia.



Músicas de Natal

Todos devíamos nos bater pela implantação da música natalina nos festejos populares e domésticos da natividade. A circunstância de coincidirem com os lançamentos das músicas para o Carnaval do ano seguinte, tem contribuído para que as fábricas, os compositores e intérpretes, empenhados em luta tremenda, não lhe deem a atenção que merece.

Mas, à medida que o repertório carnavalesco vai declinando no interesse do público, com a consequente redução na venda dos discos, a música natalina vai tendo sua chance de encontrar um lugar nas listas de fim de ano.

No dia em que fôsse rendoso compor músicas para o Natal, como o é para o Carnaval, não faltariam compositores a disputar com suas melodias as preferências do público.

Ao mesmo tempo, devíamos sugerir às estações de rádio que fizessem programas com músicas adequadas, de modo a incentivar a sua produção.

Eis que, agora, já se nota visível interesse pelo assunto, tanto por parte de algumas fábricas, como, igualmente, por parte de emissoras.

A nossa campanha no sentido de se festejar o Natal com músicas de estilo apropriado, como se faz em todos os países cristãos, está, portanto, começando a dar seus primeiros frutos.

Que as emissoras promovam a gravação das músicas premiadas.

zer por mantê-la, por reanimá-la onde foi ofuscada por costumes pagãos de outras terras.

A evocação da cena de Belém — como a dos passos da Paixão — é sumamente instrutiva. Grava-se nas mentes mais rudes. Comove, fixando ressonâncias inapagáveis. De mim, jamais me esquecem uns pobres versos, que se ouviam há quase meio século, em torno de um tosco presépio — pouco arqueológico na verdade, iluminado a querosene, coberto de folhas de bananeira — deslumbrante, apesar de tudo, ou por isso mesmo, para as crianças do vilarejo mineiro:

Bem pudera ter nascido num colchão de ouro fino: Nasceu tão pobrezinho Só prá dar exemplo ao mundo...

Estrangeiro e indesejável

CON. LAFAYETTE

Eis o fantoche de barbas de algodão, a suar desesperadamente dentro de sua baeta em pleno dezembro...

damente dentro de sua baeta em pleno dezembro, é uma excelente mentira, a representar outras: inclusive o catolicismo de muita gente.

Falsidade do ponto de vista pedagógico e sobretudo, teológico — acentua a Revista. Enganam-se as crianças até certa idade. São levadas a fingir, por mais algum tempo a crença nessa baboseira. Afasta-se das mentes a idéia verdadeira do Natal — comemoração do nascimento de Jesus, Filho de Deus feito homem — concentrando toda a preocupação nas festas e presentes. Nem todas, porém, recebem, nem sempre conseguem o que desejavam. Para muitos as migalhas da generosidade ou da ostentação, atiradas das mesas dos ricos. Famílias menos abastadas se comprometem em gastos excessivos a fim de exibirem aos filhos brinquedos de preço. Amarguram-se pais impossibilitados de satisfazerem as pretensões dos seus. Filas se estendem, as mães dos arrabaldes, ao sol e à chuva, esperando as distribuições trombeteadas na publicidade caríssima do rádio a da televisão, para, no fim, receberem uma ninharia qualquer, em troca de sua presença nas concentrações demagógicas de certas caridades...

Aspectos, somente, do Natal paganizado de "papal noel".

Por todos esses motivos, o consideramos um forasteiro indesejável, como tantos, em nosso país. Não lhe deviam ter permitido a entrada, muito menos a permanência. Começa pelo nome híbrido, sem sentido para nós.

Simplesmente ridículo um caboclinho paulista a dizer: "Manhe, cadê o papai noel?"

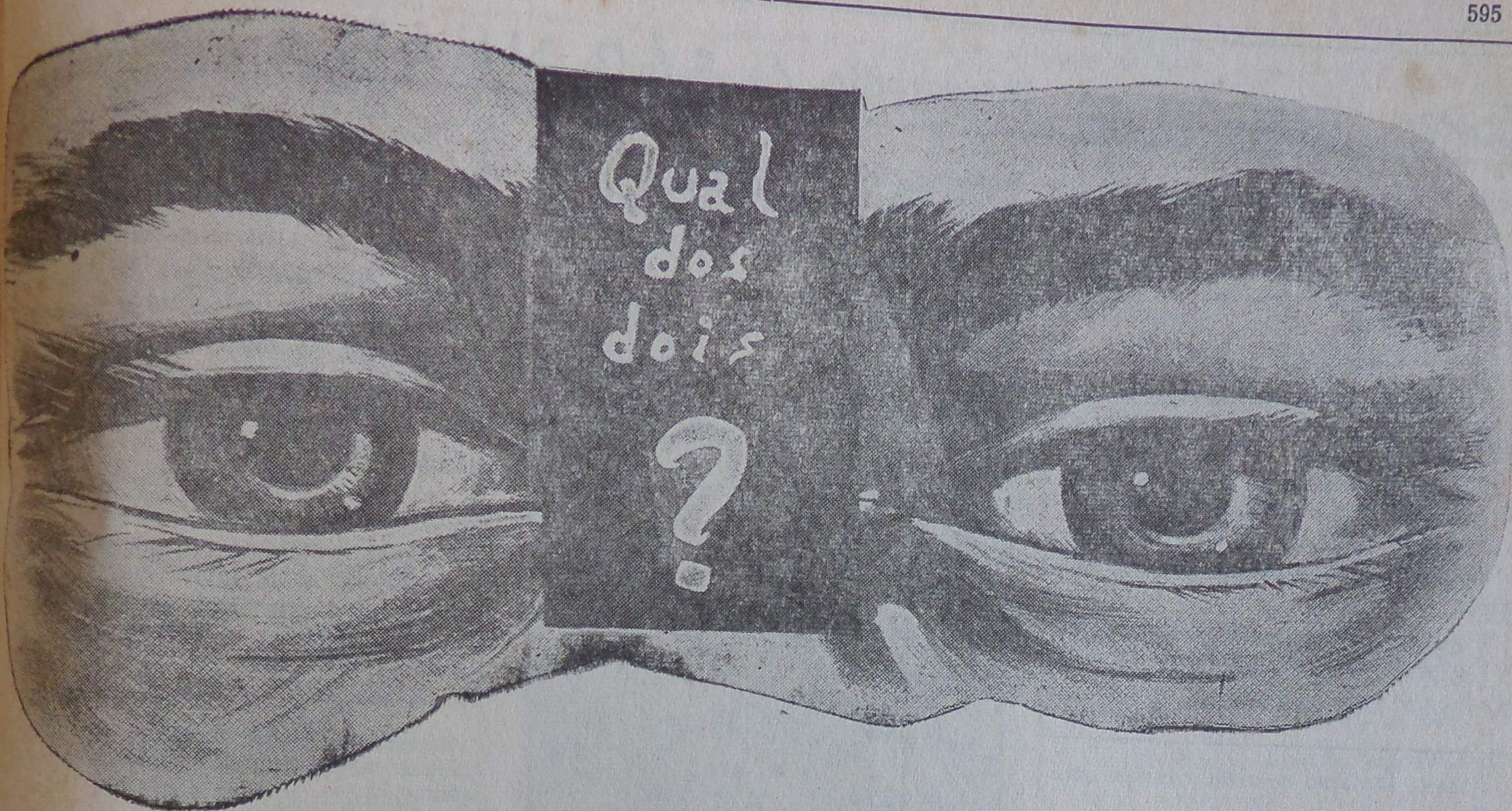
Tudo significa, no fundo, a laicização, a profanização intencional, não haja dúvida, do Natal. A comercialização, sobretudo, da grande Festa cristã. A Igreja, entretanto, sempre reagiu através dos tempos, contra semelhantes deturpações.

Daí, igualmente, as campanhas atuais, promovidas em países católicos de laicato ativo, pela recristianização do Natal. Temos a tradição do presépio, recebida de Portugal. Devemos tudo fa-



Recorte da "Catholic Review", órgão oficial do Arcebispo de Baltimore: "Essa concepção profana — referência ao "mito materialista do "Papá Noel" — deve ser substituída pelos ensinamentos do Santo Menino Jesus. Um verdadeiro Natal cristão não pode proporcionar nunca desilusões, dúvidas, perda de fé... E' tempo de o mundo abandonar o espírito materialista, simbolizado em "Papá Noel", e voltar ao verdadeiro espírito de Cristo".

Quando se considera o Natal, ante do mais, ou somente, pretexto para comer — e para vender — frutas estrangeiras e perus nacionais, para beber maiores quantidades de "champagne" fabricada no Rio Grande ou de "whisky" provavelmente produzido ali mesmo no Ipiranga, esse fantoche de barbas de algodão, a suar desespera-



Qual dos dois?

?

Certo ricaço, tendo sido vítima de um acidente de caça, ficou zarolho. Mandou fabricar um olho de vidro especial, um olho perfeito, admirável sob todos os aspectos, digno de sua fortuna.

O mais puro cristal e o mais fino esmalte faziam dele uma pequena obra prima. Na água verde da pupila cintilavam palhetas de ouro, e a íris parecia viva, profunda, movediça e aveludada.

O caolho experimentou-o diante do espelho, e sentiu-se tão satisfeito que esteve a ponto de se apaixonar por si mesmo. Quis consultar seu melhor amigo:

— Então — perguntou, radiante — que acha você do meu olho de vidro?

O amigo respondeu:

— Realmente, é o que se podia fazer de melhor.

— Como! Você não fica admirado? Não é a própria vida? Quanto a mim, estou tão surpreendido, que tenho até dificuldade de distinguir o falso do verdadeiro. Olhe bem, olhe melhor, e diga-me se é possível saber qual é o artificial.

— E' este aqui respondeu sem hesitação o amigo.

— Como adivinhou?

— E' o mais bonito.

— Oh, você está agindo de má fé, você já sabia! Vamos fazer outra experiência. Venha comigo até à rua.

Saem os dois amigos e, junto à porta de sua casa, o ricaço encontra um mendigo transido de frio.

— Meu amigo — diz êle — quer ganhar uns cruzeiros?

— Uns cruzeiros! — exclama o pobre — Com o maior prazer!

Há dois dias que não como e estou com uma fome louca!

Arregalando seu único olho o ricaço planta-se diante do árbitro e coloca em sua mão uma pratinha.

— Olhe, examine à vontade. Sou caolho. Diga-me qual dos meus olhos é um olho de vidro.

E, sem hesitar mais do que o amigo, o pobre respondeu imediatamente:

— E' este aqui!

— Espantoso! Como pôde adivinhar?

— E' muito fácil, meu senhor — respondeu o mendigo — dos dois foi o único em que vi um pouco de piedade...

Sinfonia Amazônica



E' este o primeiro desenho animado de longa metragem (2 mil metros) inteiramente realizado no Brasil. E' o trabalho de 500 mil desenhos em 6 anos que deve ser louvado.

Nem falta bom gosto, como se vê nas várias lendas, mostradas de maneira acessível e com sentido didático, baseado no folclore amazônico. Originais as paisagens em que os índios abrem o ovo dado pela Cobra Grande e em que se assiste à criação da noite, das aves, dos jacarés e da lua. Tem malícia o "Chôro" dançado pelo jaboti e seus compa-

nheiros. Tem sabor poético a canção da deusa das águas, Yara, e os amores de Jaci com o Filho do Sol. E' pena que, por incompreensão dos grandes compositores ou seus herdeiros, Latini não tivesse podido aproveitar músicas brasileiras no fundo musical de seus trabalhos. Motivos conhecidos de Shubert

CINEMA

Uma das melhores cenas de "Sinfonia Amazônica", que sem possuir muitas qualidades, merece nosso apoio e aplauso, pelo espírito de vanguardismo que representa.

(Sinfonia Inacabada), Wagner (Lohengrin) e de Liszt foram magnificamente utilizados. O "chôro" e a canção de Yara são de Hélio Latini, irmão do diretor. O som é bom, mas defeitos de coplagem e de corte prejudicam esta interessante produção nacional que pode ser considerada como recomendável para qualquer público.

G. P. (Ação Católica)